

A CONSTRUÇÃO DO ETHOS FORJADO EM MEMES DIGITAIS DA @BARBIEFASCIONISTA: SENTIDOS SOBRE RAÇA E SEXUALIDADE

Lorena Gomes de Castro

Doutoranda e Mestra em Letras/Estudos Linguísticos,
Universidade Federal de Sergipe, (UFS), São
Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Danillo da Conceição Pereira Silva

Doutorando e Mestre em Letras/Estudos
Linguísticos, Universidade Federal de Sergipe
(UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

Danilo Mecnas

Mestrando em Imagem e Som, Universidade Federal
de São Carlos (UFSCar), São Paulo, São Paulo,
Brasil.

RESUMO: Tendo em vista a intensificação das práticas sociais mediadas por redes digitais de comunicação e os efeitos que tal realidade produz sobre as configurações de textos, seus modos de circulação e os significados sociais a eles atribuídos no interior dessas práticas, o presente artigo tem como objetivo discutir a construção de ethos forjado em memes digitais sobre questões de raça e sexualidade veiculados pelo perfil @barbiefascionista em circulação no domínio brasileiro do Instagram, em outubro de 2018. Para tanto, além de perspectivas teóricas advindas dos estudos da comunicação sobre o ciberespaço e as redes sociais e dos estudos sociais sobre questões de raça e sexualidade, foram acionadas perspectivas sobre os estudos do texto em práticas digitais de interação e dos estudos argumentativos de base discursiva acerca do ethos. Do ponto de vista metodológico, trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho interpretativista. Ao cabo do percurso analítico, constatamos a importância de processos de categorização social e dos estereótipos na elaboração de uma imagem discursiva pautada na representação do discurso do “outro” como o de um “eu”, objetivando a crítica social a grupos dominantes e suas práticas excludentes, a exemplo do racismo e da homofobia, bem como pudemos ratificar o papel dos memes digitais, enquanto gêneros específicos de texto, na construção de uma cultura participativa no ciberespaço, sensível às constantes demandas sociais por posicionamentos identitários, políticos e ideológicos.

PALAVRAS-CHAVE: Ethos discursivo. Cibercultura. Memes Digitais.

ABSTRACT: Given the intensification of social practices mediated by digital communication networks and the effects that this reality has on the text settings, their modes of movement and social meanings assigned to them within these practices, this article aims to discuss building forged digital memes about race and sexuality issues conveyed by @barbiefascionista profile circulating in the Brazilian domain Instagram in October 2018. Therefore, in addition to theoretical

perspectives arising from communication studies about cyberspace and networks social and social studies on race and sexuality issues, perspectives on the text studies digital interaction practices and argumentative discourse studies based on the ethos were triggered. From the methodological point of view, this is a qualitative research of an interpretative nature. At the end of the analytical course, the importance of social categorization processes and stereotypes in developing a discursive image guided by the speech representing the "other" as an "I", aiming at social critique of dominant groups and their exclusionary practices the example of racism and homophobia as well as we could confirm the role of digital memes, as specific genres of text, in building a participatory culture in cyberspace, sensitive to the constant social demands for identity, political and ideological positions.

KEYWORDS: Discursive ethos. Cyberculture. Memes.

INTRODUÇÃO

Ao buscarmos refletir, neste artigo, acerca do funcionamento do meme digital *Barbiefascionista*¹, especificamente no que diz respeito à construção de imagens discursivas a partir dos processos de categorização social, vale a pena salientarmos que tomamos o texto não apenas como mecanismo de construção de efeitos de sentidos, mas também como prática social (HANKS, 2008). Desse modo, ao nos debruçarmos sobre o estudo de quaisquer gêneros textuais, consideramos impossível observar as manifestações discursivas desprezando as situações interacionais específicas em que estão inseridas. A influência das redes sociais, com suas ferramentas a serviço da multimodalidade, faz com que os sujeitos interajam através das mais diversas semioses, estejam elas operando a favor de uma hipertextualidade discursiva ou compondo significativamente gêneros digitais como o meme.

Sendo assim, ao analisarmos o funcionamento do meme digital *Barbiefascionista*, não nos restringimos apenas ao estudo de mais uma composição textual tipificada, uma vez que investigamos uma prática social discursiva que ganhou força em função do advento da *internet*, especialmente em sua versão chamada de *Web 2.0*. Dessa transformação advém a criação de condições técnicas que possibilitaram o surgimento de diversas redes sociais, dentre as quais podemos citar o *Facebook*², *Instagram*³, *Twitter*⁴, *Youtube*⁵, ocasionando, assim, forte adesão

¹ Disponível em: <<https://www.instagram.com/barbiefascionista/?hl=en>>. Acessado em 29 jan. 2019.

² Disponível em: <www.facebook.com>. Acessado em 29 de jan. 2019.

³ Disponível em: <www.instagram.com>. Acessado em 29 de jan. 2019.

⁴ Disponível em: <www.twitter.com>. Acessado em 29 de jan. 2019.

⁵ Disponível em: <www.youtube.com>. Acesso em 29 de jan. 2019.

dos sujeitos às ferramentas do ciberespaço, integrando-as, em grande medida, à sua vida cotidiana.

O direcionamento crítico das práticas sociais, nas quais os textos aqui discutidos circulam, dialoga com contexto político brasileiro quando da criação do perfil pessoal no *Instagram*, a partir dos quais os memes são postados. Desse modo, tais artefatos semióticos aludem, de modo mais ou menos explícito, aos discursos de extrema direita, pautados na crítica à luta de grupos sociais minoritários e movimentos sociais, veiculados pela candidatura à presidência da república do então deputado federal pelo Partido Social Liberal (PSL) do Rio de Janeiro, Jair Messias Bolsonaro, em outubro de 2018. Nesse contexto, os memes, então, passam a constituir mecanismos de manifestação política por meio de textos irônicos e de resistência, a partir da elaboração de imagens discursivas próprias, as quais têm por objetivo deslegitimar ou satirizar discursos, práticas e valores que parecem ser coerentes com grupos conservadores e/ou em lugar de prestígio social em função de marcadores de raça, classe, gênero e/ou orientação sexual.

Nesse sentido, a discussão que aqui levantamos toma os memes digitais como espaços nos quais os *ethé* forjados são construídos, especialmente, a partir da mobilização de categorias sociais, calcadas em estereótipos culturalmente difundidos, partilhadas entre os interlocutores dessas práticas discursivo-interacionais. Desse modo, a fim de compreender o fenômeno interacional estudado, além de perspectivas sobre as práticas digitais de comunicação (CASTELLS, 2003; 2013; JENKINS, 2008; TORRES, 2018) e sobre as temáticas de raça e sexualidade mobilizadas pelos memes digitais analisados (JUNQUEIRA, 2013; BUTLER, 2017; SANTOS, 2002; FERNANDES, 2014), acionamos, grosso modo, saberes advindos dos estudos contemporâneos sobre os textos em práticas sociais digitais (CASTRO, 2017; CATRO; SILVA; NASCIMENTO, 2017; SILVA, 2019); dos estudos do *ethos* de base argumentativa e discursiva (MENDES, 2009; AMOSSY, 2016), bem como de perspectivas sociocognitivas do discurso acerca dos processos de categorização social (ALENCAR, 2019; FALCONI, 2011).

O CIBERESPAÇO, AS REDES SOCIAIS E O INSTAGRAM: NOTAS SOBRE AS PRÁTICAS COMUNICATIVAS EM AMBIENTES DIGITAIS

Uma vez que a proposta é investigarmos de que forma os processos de (re)categorização podem contribuir para a sustentação de um *ethos* forjado na rede social *Instagram*, é importante detalharmos previamente o funcionamento do meme digital Barbiefascionista e sua atuação política no ciberespaço. Posteriormente, vamos discutir sobre

as relações entre ethos e os processos de categorização social em memes digitais para, assim, chegarmos em uma análise de memes relacionados à Barbie sobre raça e sexualidade.

A partir dessa proposta, percebemos o ciberespaço como um ambiente de mobilização o qual nos permite misturar, articular e incorporar formatos textuais em linguísticos, imagéticos em sonoros e vice-versa. Diante das pesquisas contemporâneas não é mais necessário conceituar o ciberespaço - não no sentido de que este compreende outra realidade – não existem mais dois mundos (real e virtual), pois as novas tecnologias afetam as relações sociais de tal modo que já não é mais possível compreendê-las, por completo, sem levar em conta seu estreito diálogo com a tecnologia. Aqui, o termo “tecnologia” é entendido segundo Castells o significa, ao informar que “a tecnologia não é somente a ciência e as máquinas: é também tecnologia social e organizativa” (1996, p. 5). Segundo Jenkins (2009, p. 29), as tecnologias voltadas à informação e também às redes sociais estão constantemente em um processo de convergência e não devem ser encaradas exclusivamente no âmbito da tecnologia, mas, de forma particular, em “uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos”. Ou seja, a convergência⁶ tecnológica resulta em conteúdos que transitam pelas plataformas digitais. Nessa perspectiva, não devemos enxergar a convergência meramente como um fenômeno tecnológico, mas como uma transformação cultural já que incentiva os usuários das redes a buscar informações em diferentes ambientes e, partindo destes, estabelecer conexões.

De acordo com uma pesquisa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o Brasil fechou 2016 com 116 milhões de pessoas conectadas à internet⁷, isso equivale a quase 70% da população acima de dez anos de idade. Embora a televisão ainda seja uma fonte relevante de consumo de informações para o brasileiro, uma pesquisa do Instituto Reuters, da Universidade de Oxford, realizada durante as eleições de 2018, apontou que 66% da população brasileira utiliza as redes sociais digitais para consumo de notícias e que 33% da população com idade entre 18 e 24 anos usam as redes como a principal fonte de notícias. Vale ressaltar que esses dados servem para demonstrar como a informação se tornou um tipo específico de bem de valor crescente e como as redes discursivas podem influenciar a opinião pública. Jenkins afirma que “cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de

⁶Jenkins (2009, p. 29) afirma que a “convergência é uma palavra que consegue definir transformações tecnológicas, mercadológicas e sociais”.

⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/brasil-tem-116-milhoes-de-pessoas-conectadas-a-internet-diz-ibge.ghml>>. Acesso em 20 jan. 2019.

informações extraídos dos fluxos midiáticos [...] através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana” (2009, p. 30).

A constituição das redes é operada pelo ato de se comunicar, de se engajar e de propagar conteúdos. Para Castells, “comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações” (2013, p. 15). Em termos genéricos, para a sociedade atual, a principal fonte de produção social de significado é o processo de comunicação socializada. Desse modo, a internet se configura essencialmente como um espaço social, cada vez mais diversificado a partir das tecnologias móveis. Nesse sentido, a dinâmica de permanente transformação da tecnologia na era digital “amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada em constante mudança” (CASTELLS, 2013, p. 15).

A rede de computadores é tomada, então, como um ambiente de identidade própria, no qual a internet se tornou um símbolo do desenvolvimento comunicacional e espaço relativo de exercício da liberdade de fala. Há, com isso, a imersão de uma nova cultura: a participativa, onde o usuário de redes se torna um co-produtor de conteúdos, quer dizer, “a participação é mais limitada, menos controlada pelos produtores de mídia e mais controlada pelos consumidores de mídia (JENKINS, 2009, p. 189)”. Em outras palavras, o tipo de interação que se desenvolve com sucesso no ambiente digital está relacionada à livre expressão, uma vez que “a transmissão de fonte aberta, a livre divulgação, a transmissão descentralizada, a interação fortuita, a comunicação propositada e a criação compartilhada que encontram sua expressão na internet” (CASTELLS, 2013, p. 165). A rapidez e a qualidade no processo de transmissão do pacote de dados dentro de um espaço que promove a comunicação de modo anônimo e o livre trânsito de informações produzem um contexto propício para a criação e o compartilhamento de conteúdos, por qualquer usuário, nos mais diversos tempos e lugares (SILVEIRA, 2008). Diante disso, o que realmente vale na contemporaneidade não é tanto o que fazemos com as tecnologias, mas o que elas propriamente fazem conosco. As tecnologias provocam mutações nas linguagens e na própria natureza humana, nos nossos modos de agir, perceber, pensar e compreender o mundo em que vivemos, conseqüentemente, as interações e modos de participação política.

O meme digital da Barbiefacionista constitui, portanto, instrumento de expressão. A conta no *Instagram* foi criada em 10 de outubro de 2018, mas com o apelido (nickname) de *Barbiefascista* e assim se manteve durante cinco dias. Depois disso, houve uma mudança do nome do perfil para *Barbiefacionista*, cuja inferência pode nos levar a interpretar que a soma dos elementos nominais *Barbie* + *fashion* + *fascista* (sem vírgula) enfatiza a ironia da

personagem criada e, conseqüentemente, da imagem discursiva que é construída através das semioses: uma mulher branca, caucasiana, heterossexual, privilegiada socialmente que viaja bastante e possui bens materiais de alto valor de mercado.

De acordo com Torres (2018), o *Instagram* “é uma mídia social de publicação e compartilhamento de fotos (embora também possa acrescentar vídeo) que permite ao usuário subir e editar suas fotos antes de compartilhar”. Além disso, a rede é usada por influenciadores “como um canal de divulgação de produtos e ideias de rápido consumo” (TORRES, 2018, p. 112). A plataforma também permite a cada usuário acompanhar outros a partir da opção “seguir”.

A plataforma permite produzir conteúdos que, por assim dizer, fazem parte de centros de interesse específicos de cada usuário e que, naturalmente, agregam outros usuários que também compartilham afinidades. É nesta perspectiva que se percebe a construção de grupos sociais em torno de informações e causas coletivas. Podemos refletir sobre uma postagem de um usuário reclamando sobre uma obra inacabada de uma grande avenida. Em poucos minutos, outros perfis que se identificam com o problema também vão comentar e, provavelmente, reclamar, tornando uma expressão individual em uma causa coletiva de natureza social e política. Assim, podemos dizer que o espaço digital também é um ambiente político com ferramentas dos sujeitos e grupos de sujeitos podem se apropriar com vistas a se mobilizarem diante de reivindicações políticas e sociais, como fazem os ativismos digitais (BRAGA, 2016; SILVA, 2019).

DAS RELAÇÕES ENTRE ETHOS DISCURSIVO E PROCESSOS DE CATEGORIZAÇÃO SOCIAL EM MEMES DIGITAIS

O *ethos* discursivo, segundo perspectivas discursivas dos estudos da argumentação (AMOSSY, 2016), corresponde que ao fato de que está presente em toda interação “a necessidade que o orador tem de se adaptar a seu auditório, portanto, de fazer uma imagem dele e, correlativamente de construir uma imagem confiável de sua própria pessoa, em função das crenças e valores que ele atribui aqueles que o ouvem” (AMOSSY, 2016, p. 19). Assim, é no bojo desse dinamismo que se elabora uma “imagem de si no discurso” (AMOSSY, 2016, p. 19), a qual, longe de corresponder de forma transparente e unívoca à pessoa de quem interage, é na verdade um efeito discursivo, uma elaboração projetada a partir do emprego de recursos semióticos específicos, quer linguísticos ou não.

Nesse sentido, Maingueneau (2008b) nos mostra que o *ethos* diz respeito à construção de uma imagem discursiva que inspire confiança, conseguindo assim convencer o auditório a quem se dirige acerca das teses que sustenta. A isso acrescenta ainda que características as quais correspondem a elementos de constituição não meramente linguística têm uma importância significativa na construção desse *ethos* (caráter e corporalidade), a título de explanação. Nesse sentido, basta pensarmos nas adequações contextuais a que um candidato pode recorrer além do seu discurso verbal para impactar positivamente o seu auditório (público a quem se dirige) na entrevista de emprego, como a roupa escolhida para a ocasião e a linguagem corporal utilizadas.

Quando pensamos na dimensão textual dessas práticas discursivas, percebemos que a construção das imagens discursivas, isto é, dos *ethé*, não pode ser dimensionada apenas pela consideração do nível cotextual (linguístico), ainda que dele partam leituras e pistas textuais. É nesse sentido que podemos pensar como processos de (re)categorização textual e social (FALCONI, 2011), embora não se confundam, estão amplamente imbricados na elaboração de um *ethos* específico, uma vez que se integram no que diz respeito ao manuseio de expressões referenciais na sustentação das representações *ethóticas* (MENDES, 2008).

Nessa perspectiva, Alencar (2008) afirma que os processos de categorização social constituem modelos que atendem aos aspectos sociais e culturais e são sensíveis à dimensão local e específicas em função das práticas sociais. Esse raciocínio, de base sociocognitivo-interacional, salienta que a construção de objetos de discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003), por exemplo, além de não se restringir mais aos elementos linguísticos propriamente ditos, opera em favor de contextos socialmente situados e historicamente demarcados, trazendo consigo não só manifestações estritamente ligadas aos mecanismos de produção da textualidade, mas também aspectos sociais e culturais que emergem do discurso.

Sendo assim, em práticas discursivas situadas, a mobilização dessas categorias não acontece aleatoriamente, pois esses dispositivos, quando acionados, precisam ser reconhecidos pelos grupos aos quais se destinam, pelo auditório, em termos retóricos. Esse conhecimento partilhado é, em grande parte, responsável pelo sucesso, ou melhor, pela pertinência do discurso num determinado grupo ou coletividade (ALENCAR, 2008). Nesse sentido, a imagem que um locutor projeta de si mesmo, numa interação discursiva, “para ser reconhecida pelo auditório, para parecer legítima, é preciso [...] que se indexe em representações partilhadas [...] que sejam relacionadas a modelos culturais prementes” (AMOSSY, 2016, p. 125).

Retomando a personagem sobre quem nos debruçamos neste trabalho, temos que a *Barbiezinha Fasci*, usuária do perfil @barbiefascionista no Instagram, foi apropriada como

imagem principal para categorizar um grupo social específico a que se dirige o teor irônico e crítico dos enunciados: grupos privilegiados e que compõem a elite econômica brasileira. Nesse contexto, ocorre uma simulação de vários *ethé* no ciberespaço, cuja transição se dá mediante o recurso da ficcionalidade e da elaboração de um sem-número de categorizações sociais e retomadas de estereótipos para criação da imagem discursiva. Nesse trabalho, é fundamental pensar na relação entre estereotipagem e construção da imagem de si, uma vez que aparece como fundamental a operação de “pensar o real por meio de uma representação cultural preexistente, um esquema coletivo cristalizado [...] o qual permite designar os modos de raciocínio próprios a um grupo” (AMOSSY, 2016, p. 125).

A esse *ethos* que fala de um outro, ou seja, quando uma imagem discursiva é construída para um determinado fim enunciativo como se fosse um eu específico, atribui-se a denominação de *ethos* forjado (MENDES, 2008). Tal processo, bastante recorrente na elaboração de sentidos em textos de caráter literário, passa a ser observado também em textos midiáticos, em especial, naqueles produzidos e circulam a partir de meios digitais. Ainda segundo a autora, na instância do *ethos* forjado ocorre uma ficcionalização da imagem projetada, cujo estabelecimento é contratual e fluido, isso quer dizer que não há a intenção de ludibriar o interlocutor acerca da veracidade da condição de autoria da imagem discursiva ali projetada. Ao contrário disso, os participantes dessa prática discursivo-interacional têm clareza de que se trata de uma imagem forjada, apropriada, de um “eu” que no discurso projeta a imagem do “outro”, com a intenção de criticá-la ou mesmo satirizá-la e, no caso dos textos aqui analisados, tais críticas e sátiras são investidas de teor político.

Ao simular a identidade de um “outro” como um “eu”, conforme dissemos, o meme da Barbiefascionista forja o surgimento de representações *ethóticas* de um grupo social específico cujas manifestações estereotípicas têm também um papel fundamental na pertinência e nos efeitos dessa prática discursiva. Através dos elementos multimodais, disponíveis na elaboração de textos no ciberespaço, entendemos que os estereótipos e imagens discursivas, evocados pelos memes digitais, são acionados pela solidariedade entre semioses de natureza linguística e imagética, assim, as categorias sociais projetadas na imagem discursiva, no *ethos* forjado, nos memes, são mobilizadas também pelo recurso a cores, imagens e recursos não-linguísticos que participam diretamente do processo de elaboração de sentidos. No que diz respeito ao contrato interacional-discursivo entre produtores e consumidores desses textos, vale salientar que apenas haverá adesão por parte do auditório ao propósito de crítica social e política, quando o grupo a quem se direciona o discurso e imagem nele projetada, partilhar dessas imagens construídas e desses sentidos sobre o mundo.

Considerando que o *ethos* forjado da *Barbiefashionista* circula nas redes sociais em memes digitais, vale salientarmos que, embora os memes não sejam exclusivos do ciberespaço (CASTRO, 2017; SHIFMAN, 2014), nesse meio comunicacional eles encontram maiores possibilidades de circulação e compartilhamento. Tal fato se deve, em primeiro lugar, ao fato de que a *internet* propicia aos interlocutores um espaço mais democrático de criação, de publicação de seus textos e, em segundo lugar, pois nesse mesmo meio há diversas ferramentas as quais auxiliam na elaboração de textos caracterizados pela sua variabilidade semiótica e hibridização de linguagens (BRAGA, 2013) sincréticas: uma multiplicidade de cores, sons, imagens, idiomas dentre outros. Segundo Castro (2017), os memes

constituem imitações/retextualizações cujas informações neles inseridas podem estar baseadas (ou não) em fatos reais, apresentar características estruturais de outros gêneros do texto, consagrar-se numa expressão e, por isso, apresentar-se através de um código semiótico apenas ou na hibridização de linguagens, quando modalidades semióticas entre as quais vídeos, quadrinhos, músicas se integram umas às outras comprovando sua plasticidade enquanto gênero textual (CASTRO, 2017, p. 12).

Além disso, por conta da complexa e flexível composição do gênero, praticamente qualquer texto – esteja ele dentro ou fora da rede – pode vir a ser um meme; mas, para isso devemos levar em consideração alguns princípios da interação que são apresentados como imprescindíveis à propagação e à sua replicação, tais como a longevidade, a fidelidade de cópia e a fecundidade (SHIFMAN, 2014; DAWKINS 2006[1976]).

Sendo assim, nas análises do meme da *Barbiefashionista* explicitaremos como os processos de recategorização social podem acontecer num gênero digital multimodal e ainda sustentar a imagem discursiva de um *ethos* forjado, a fim de tecer críticas sociais e políticas a grupos dominantes, seus discursos e suas práticas, através de expediente discursivos tais como a ficcionalidade e ironia. Nesse sentido, ao analisarmos a construção de sentidos nos memes, especificamente em dois cujos *ethos* forjado deslegitima discursos racistas e baseados em uma perspectiva normativa excludente, em termos de gênero e sexualidade, fazendo jus a uma perspectiva de análise de textos nas práticas sociais (SILVA, 2019), consideraremos saberes interdisciplinares em disputa na elaboração dessas práticas discursivas.

O ETHOS FORJADO NOS MEMES DO PERFIL @BARBIEFASCIONISTA: SENTIDOS SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE

Como já mencionado nas considerações iniciais deste trabalho, a intenção deste estudo é verificarmos como os processos de categorização contribuem para a elaboração da imagem

discursiva da Barbiefacionista nos memes digitais veiculados em sua página no *Instagram*. Desse modo, identificamos que essa pesquisa se orienta pela perspectiva de metodologias qualitativas e interpretativistas (DENZIN; LINCOLN, 2006), uma vez que nosso objetivo está vinculado à compreensão da produção de sentidos no uso de linguagens em práticas sociais situadas.

Desse modo, os *corpora* em análise nesta seção foram selecionados diretamente da perfil da *Barbiezinha Fasci*, identificado pela *@barbiefacionista* no *Instagram* e, de acordo com o mote temático da crítica social apresentada em cada publicação, foram escolhidos dois memes representativos de seu modo de agência no espaço digital, os quais ironizam discursos cristalizados socialmente acerca de questões de raça e sexualidade. Nesses memes, os modos de organização da linguagem e a agência social, pautada na ironia, denunciam um lugar comum de discursos de exclusão e de preconceito social manifestados através de mecanismos multimodais e com fins comunicativos não só de criação de efeitos de humor, mas de crítica a enunciados que revelam posições ideológicas específicas, representativas dos discursos do outro, assumido na elaboração de um ethos forjado, conforme discutimos na seção 2.

Sendo assim, diferentemente de outros trabalhos os quais elegeram como objetos de análise memes digitais coletados da plataforma Museu de Memes⁸ (CASTRO, 2017) ou de buscas em redes específicas, através de palavras-chave, em torno de mobilizações em torno de causas reivindicatórias (CASTRO; SILVA; NASCIEMENTO, 2017), os quais circulavam na internet em diferentes páginas e perfis, neste estudo, os memes escolhidos para a análise aparecem postados no *Instagram*, a partir de um perfil pessoal que, segundo sob efeito da ficcionalidade, é aparentemente mantido pela própria *Barbiezinha Fasci* e não numa página “sobre” ela ou apenas destinada a fazer circular memes. em que ela aparece como coadjuvante. Tal característica, a qual conta inclusive com respostas da própria *Barbiezinha Fasci* aos comentários de seus seguidores, potencializa a aproximação da Barbie e de seus discursos aos de sujeitos empíricos, ou seja, o meme contempla a função argumentativa de criação de efeito de humor, mas sustenta a ironia e as críticas ao governo do Partido dos Trabalhadores (PT), assim como a pautas entendidas como de esquerda, quase de cunho progressistas ou ligadas à promoção de justiça social.

De acordo com a plataforma *Museu de Memes*, o meme da Barbie repercutiu rapidamente por volta de outubro de 2018, em função das discussões eleitorais, tendo surgido primeiramente no *Twitter* e depois ganhado espaço em outras plataformas como o *Facebook* e

⁸Disponível em: <www.museudememes.com.br/>. Acesso em: 06/01/2019.

o *Instagram*, ganhando, inclusive, perfis próprios, como o que analisamos, além de outros como *@barbiefascista_*, *@barbiesemkenm*, *@ironicabarbie*. Observamos que a razão de existir desse meme, em específico, é “relacionar a imagem da boneca que aparece bem vestida, viajando, dentro dos principais padrões normativos da sociedade, com ‘discursos de sofrimento’ que são originalmente mais expressados pelos grupos privilegiados da sociedade.” (MUSEU DE MEMES, 2018, s/p.).

Os memes, a partir de um princípio de configuracionalidade recorrente, próprio dos gêneros discursivos (BAHKTIN, 2002) em circulação nos espaços digitais, são compostos a partir do recurso a uma imagem com enquadramento centralizado no plano principal, uma fotografia da boneca Barbie sozinha ou com outros/as bonecos/as dentro do padrão de reprodução da figura humana, mais um enunciado que é ironizado, distribuído na parte superior e inferior da imagem. Tais enunciados linguísticos quase sempre circulam em torno de temáticas de grande importância para as minorias sociais, tais quais as mulheres, população negra, comunidade LGBT e pessoas empobrecidas, por exemplo. Além disso, os memes postados, seguindo a utilização de recursos característica do *Instagram*, são acompanhados de legendas que seguem a mesma lógica discursiva, corroborando o recurso de ficcionalidade que remonta à utilização do perfil por uma pessoa empírica, participando assim da elaboração das projeções dos *ethé* forjados.



Figura 1. Fonte: Instagram, 2018.

Disponível em: <<https://www.instagram.com/barbiefascionista/?hl=en>>

Percebemos, já no primeiro contato como a personagem, que originalmente é um brinquedo infantil com uma forma humana específica, direcionado às meninas, a boneca *Barbie*

é utilizada no sentido de sustentar uma imagem discursiva de pessoas que compõem grupos sociais e políticos privilegiados e que representam identidades dominantes. Isso quer dizer que, antes mesmo de precisarmos nos deter à leitura das postagens ou dos enunciados nos memes, verificamos nas imagens padrões normativos sociais como pessoas, em sua quase totalidade compostas pela representação de recursos imagéticos e configuracionais que nos permitem identificá-las como brancas, magras, heterossexuais, de classes sociais privilegiadas. Quando pessoas fora desse marco normativo de reconhecimento do humano (BUTLER, 2017) aparecem nas postagens do perfil, é justamente com a intenção de significá-las em prelação a esse padrão normativo, quase sempre pela assimilação, ou seja, pelo apagamento de suas características idiossincráticas, das relações de diferença e seus conotações políticas e hierarquizantes, para se adequar a um padrão dominante, seja de gênero, de raça ou de classe social.

Seguindo essa lógica, a apresentação do perfil *@barbiefascionista* segue uma conformação que tem sido bastante recorrente no uso dos recursos da rede social *Instagram* na elaboração de perfis pessoais de usuários/as: além das tradicionais “fotos de perfil”, no caso, da Barbie, e do nome, encontramos, de forma delimitada pela inserção de caracteres, informações resumidas que representam características identitárias destacadas da pessoa sobre ela mesma. Essa pequena apresentação pessoal (acerca de gostos, origem geográfica, atividades profissionais, frases de inspiração, dentre outros), geralmente aparece acompanhada por emojis representativos desses traços pessoais destacados.

Nessa primeira leitura, identificamos alguns referentes, além do próprio nome assumido pela suposta usuária do perfil, *Barbiezinha Fasci*, características que reiteram a categorização social da personagem como pertencente a grupos cujas posições políticas estereotipadas o perfil busca criticar como, por exemplo, “*politizada e do BEM!*” e “*Change Brazil*”. Tais expressões fazem referência ao discurso atribuído a pessoas da classe média brasileira que, diante da perda de privilégios ou da ascensão de grupos sociais excluídos, graças a políticas afirmativas na educação e à distribuição de renda que caracterizaram os governos dos últimos dezesseis anos no Brasil, sentem-se ameaçados e, por isso, passam a se preocupar com a política institucional, buscando “a mudança” de um cenário mais propenso à justiça social, ou seja, o retorno de padrões excludentes, mas sempre se afirmando como “do BEM”, pessoas de bem.

A partir dessas considerações sobre o perfil *@barbiefascionista* no *Instagram*, analisaremos aqui alguns memes postados e o modo como ele, por meio de categorizações sociais, projeta um ethos forjado, engajado na crítica social, especialmente em assuntos relativos aos debates em torno de questões de gênero e sexualidade na sociedade atual.



Figura 2. Fonte: Instagram. Publicação em 11 de outubro de 2018.
Disponível em: <https://www.instagram.com/p/Boxr55_HLDq/>.

Conforme destacamos na primeira seção deste artigo, a emergência do perfil cujos memes analisamos está diretamente ligada aos debates sociais levantados, especialmente a partir das redes sociais, em torno de temas sociais controversos, em face do cenário eleitoral presidencial brasileiro, em dois mil e dezoito. Nesse cenário, o enfrentamento político entre grupos ligados ao então candidato Jair Bolsonaro (PSL) e suas posições polêmicas, sintonizadas com perspectivas de extrema-direita, e de grupos filiados a diferentes posições mais à esquerda, a exemplo dos que apoiavam o candidato social-democrata Fernando Haddad (PT), quase sempre em torno de temas ligados às minorias sociais e seus direitos, fizeram das redes sociais um espaço de embates entre diferentes configurações textuais e suas posições ideológicas. É nesse contexto que o meme acima se inscreve.

Por meio de sua composição linguística e imagética, o meme projeta um *ethos* forjado (MENDES, 2009), com vistas a ironizar e, com isso, deslegitimar, o discurso de grupos conservadores que, quando confrontados acerca de seus discursos e práticas homofóbicas⁹, negam a categoria social que lhes é imputada, sob o argumento de conviverem pacificamente ou por manterem relações de amizade e/ou parentesco com pessoas que seriam gays, como registrado na dimensão verbal do meme “Homofóbica, eu?? Inclusive tenho vários amigos gays!”. Ao lado disso, os processos de significação e de projeção etnográfica também são

⁹ Segundo afirma Borillo (2001, p. 13): “como a xenofobia, o racismo e o antissemitismo, a homofobia é uma manifestação arbitrária que consiste em assinalar o outro como contrário, inferior e anormal”.

acionados pela dimensão imagética do meme, uma vez que eles registram, em plano secundário, o que seria uma fotografia da *Barbiezinha Fasci*, a usuária dona do perfil no qual a postagem é feita, ao lado de dois amigos, abraçando-os, os quais, em razão de mecanismos inferenciais disparados pelas pistas cotextuais (LIMA, 2007) da parte linguística, são categorizados pelos/as leitores/as como gays, os “amigos gays”, a quem se referia. Desse modo, fica saliente a relação de implicação entre a construção de um *ethos* discursivo e o jogo com significados sociais partilhados entre interlocutores, uma vez que “o locutor só pode representar seus locutores se os relacionar a uma categoria social, étnica, política ou outro” (AMOSSY, 2016, p. 126).

Em particular, os sentidos de ironia passam à crítica social justamente em razão dos tipos sociais que a imagem dos bonecos quer evocar, as quais aparecem dispostas em posição centralizada no meme. São bonecos que reproduzem figuras humanas bastante específicas, conforme apontamos, as quais aludem para um padrão normativo da vivência da homossexualidade (JUNQUEIRA, 2017), projetada por configurações corporais que reforçam uma imagem de masculinidade e beleza, a qual joga com estereótipos de classe, gênero e orientação sexual. Desse modo, ao contrapor bonecos com uma aparência que evoca a construção estereotípica de corpos de homens brancos, musculosos, submetidos a padrões heteronormativos¹⁰, cuja aparência, pela vestimenta e por outros caracteres físicos, a exemplo da cor dos olhos e disposição do cabelo, remontam a grupos sociais privilegiados, não marcados em termos de raça.



Figura 3. Fonte: Instagram. Publicação em 25 de outubro de 2018.
Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BozL83qHjJp/>>.

¹⁰ Conforme Junqueira (2013, p. 483), a heteronormatividade corresponde a “um conjunto de disposições (discursos, valores, práticas) por meio das quais a heterossexualidade é instituída e vivenciada como única possibilidade natural e legítima de expressão”.

Os modos de elaboração de um *ethos* discursivo forjado, conforme discutimos em relação aos memes nas figuras 1 e 2, desdobram-se também naquilo que podemos constatar em relação à figura 3. Nesse meme, no plano linguístico, aparecem os dizeres “Eu amo a diversidade, sabe? Inclusive tenho amigos homossexualistas e amiga de cor de traço fino!”, seguida da hashtag “#somostodosiguais”, enquanto, no segundo plano, de caráter imagético, aparece uma foto da boneca Barbie, quem, para o efeito de ficcionalidade produzido representa a *Barbiezinha Fasci*, ao de mais três bonecos, os quais representam as configurações corporais atribuídas a dois homens e uma mulher negra, a quem ela se refere como “amigos homossexualistas” e “amiga de cor de traço fino”. Dessa vez, além de evocar discursos acerca de questões de gênero e sexualidade, implicadas na representação da condição de pessoas homossexuais como doença ou anormalidade, o que pode ser recuperado pela derivação de homossexualistas do termo “homossexualismo”, amplamente criticado pelos ativismos LGBT e abolido de formas respeitadas de comunicação justamente em função dos sentidos destacados, são acionados também discursos raciais.

Nessa última esfera, ao referir-se a mulher à amiga negra representada como “de cor” e “de traço fino”, são retomados discursos que hierarquizam pessoas negras, justamente em razão da sua racialização, da sua construção discursiva como o Outro (SANTOS, 2002), em função de caracteres corporais identificados como representativos de um fenótipo específico essencializado e estereotipado de grupos cujas vidas são historicamente precarizadas na trajetória colonial e escravocrata do Brasil. É a partir desse fenótipo específico, pautado em feições corporais caucasianas e europeias que padrões de beleza são elaborados e inculcados através de um sem-número de produtos e práticas culturais, base simbólica do racismo à brasileira (FERNANDES, 2014).

Em função desse discurso, a amiga é identificada como alguém que, embora seja negra, “de cor” (expressão racista para designar o fenótipo da pele negra), segundo o dizer da *Barbiezinha Fasci* veiculado no meme, possui “traços finos”, ou seja, está submetida a um apagamento de seus traços corporais e culturais, como forma de acomodação a cultura estética dominante branca, o que pode ser entendido como parte simbólica do processo ainda hoje em curso de “braqueamento” (SCHUCMAN, 2012), ao qual a sociedade brasileira foi submetida como tentativa de apagar a presença do corpo, da história, das línguas e das culturas africanas de sua identidade nacional (NASCIMENTO, 2016). É desse modo de operação dos sentidos, transitando entre a parte linguística e a imagética, na composição do meme, que os sentidos da projeção de um discurso de um “outro” como o de um “eu” ficam salientes.

Assim, os efeitos de sentido evocados pelos memes analisados, em face do modo como categorias sociais – “gays”, “heterossexuais”, “brancos”, “negros”, “ricos”, “homens”, “heterossexuais” a quem a *Barbiezinha Fasci* se refere, seja se incluindo ou se excluindo delas –, pretensamente partilhadas pelo público a quem se destina, são acionadas para construir um *ethos* forjado que reproduz, como seu, o discurso de um “outro” com uma postura aparentemente inclusiva, como registrado na figura 2 pelo uso irônico da hashtag “#somostodosiguais” e alinhada com posições que afirmam direitos da comunidade negra e LGBT, para, assim, criticá-lo. Tal crítica se instaura, justamente, em face das contradições irônicas que o discurso evocado instauram no meme, especialmente por significar, via dimensão imagética, o estereótipo de pessoas negras e gays a quem a reivindicada postura inclusiva se dirige: àqueles que, de algum modo, se assimilam¹¹ a uma cultura que entende a branquitude e a heterossexualidade como norma social compulsória e tácita, a qual todos, independentemente de seu pertencimento racial ou de sua orientação sexual, devem seguir, especialmente em termos de aparência, hábitos, estilizações corporais e comportamentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões teóricas e das análises de linguagem realizadas neste trabalho, ratificamos o meme enquanto gênero discursivo do ciberespaço, entendendo também que esse gênero não é exclusivo das redes sociais, mas que nelas ganha potencialmente mais poder de replicação, devido às ferramentas de engajamento, compartilhamento que, por assim dizer, os fazem transitar entre várias plataformas digitais. Nesse sentido, os memes integram o ecossistema das redes como artefato advindo da cultura participativa que fomenta o intercâmbio de conhecimentos e a interação social em contextos discursivamente demarcados.

Nesse sentido, em face da análise dos memes da *Barbiefascionista*, que se difundiram à época das eleições presidenciais de 2018, no Brasil, o argumento central defendido é que eles projetam um *ethos* forjado, ou seja, uma imagem discursiva que fala de si como se fosse o outro com vistas à crítica social. Desse modo, os grupos sociais identificados com a imagem discursiva produzida são representados de forma estereotípica, a partir da confluência entre

¹¹ Aqui, parece-nos interessante, a leitura de Barros (2012), quando afirma que “o outro” quando considerado “diferente” pode sofrer algum desses quatro processos: a) assimilação significa transformar o outro em nós de forma reabilitada, anulando suas características próprias; b) exclusão acontece quando um grupo pretende preservar seus valores de forma passional, negando a existência do outro; c) segregação constitui uma exclusão abrandada, pois as diferenças continuam existindo, porém de forma separada para que não haja contaminação entre os indivíduos; e, por último, d) a agregação em que os grupos coexistem com suas identidades próprias e diferenças conservadas.

recursos multimodais, recorrendo a categorias sociais que significam, de modo especial, sujeitos que assumem posições excludentes em relação a grupos minoritários, subalternizados em função de grupos de prestígio e identidades dominantes.

Os processos de categorização social, mobilizados nos memes da Barbiefacionista, constroem e sustentam o *ethos* forjado o qual atua no sentido de criticar os discursos provenientes de grupos sociais privilegiados. Nesse sentido, as práticas aqui estudadas dizem respeito também a uma ação política desenvolvida nessa espacialidade digital, ao lado de outras já discutidas por nós, como em Castro (2017), Castro, Silva e Nascimento (2017) e Silva (2019), onde as formas de participação nas práticas sociais discursivas, mediadas por textos, requerem a todo tempo e (re)alimentados e (re)posicionamentos identitários, políticos e ideológicos. Os memes da Barbiefacionista partem da reconfiguração de discursos políticos em circulação como modo de crítica social e construção de posicionamentos políticos em redes discursivas digitais.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, R. Processos de categorização social: emergência de categorias sociais na fala em interação. *Revista Investigações*, vol. 21, n. 2, p. 115–131. 2008.
- AMOSSY, Ruth (Org.). *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BARROS, D. P. Intolerância, preconceito e exclusão. In: LIMBERT, R. P.; LARA, G. P. (Orgs.). *Discurso e (des)igualdade social*, São Paulo: Contexto, 2015, p. 61-79.
- BRAGA, D. B. *Ambientes digitais: reflexões teóricas e práticas*. São Paulo: Cortez, 2013.
- BRAGA, D. B. *Tecnologias digitais da informação e da comunicação e participação social*. São Paulo: Cortez, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- CASTELLS, M. Fluxos, redes e identidades: uma teoria crítica da sociedade informacional. In: CASTELLS, M. (Org). *Novas perspectivas críticas em educação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 3-32.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 21-92.
- CASTELLS, M. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- CASTRO, L. G. F. *O gênero meme: uma análise referencial de textos multimodais*. São Cristóvão, 2015, 84f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe, 2017.

CASTRO, L. G. F.; SILVA, D. C. P.; NASCIMENTO, J. P. F. Ativismo digital e feminismo na Web: o meme #meuamigo secreto. In: ENCONTRO INTERNACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES, 10., 2017, Aracaju. *Anais...* Aracaju, 2017, p. 1-15.

DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FALCONE, K. A legitimação e o processo de categorização social. *Veredas*, n. 1, p. 16–31, 2011. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2011/05/ARTIGO-28.pdf>> Acesso em: 29 jan. 2019.

FERNANDES, F. *A integração do negro na sociedade de classes* [1964]. Volume II, Ensaio de interpretação sociológica. Prefácio Antonio Sérgio Alfredo Guimarães. 1ª reimpressão. São Paulo: Biblioteca Azul/Globo, 2014. p. 165.

JUNQUEIRA, R. D. Pedagogia do armário: a normatividade em ação. *Revista Retratos da Escola*, Brasília, v. 7, n. 13, p. 481-498, jul./dez. 2013. Disponibilidade em: <<http://www.esforce.org.br>>. Acesso em 29 jan. 2019.

MAINGUENEAU, Dominique. A propósito do ethos. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (Orgs.). *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008b. p. 11-29.

MENDES, E. Entrevistas forjadas: a representação de um "outro" como um "eu". *Vertentes*, São João del-Rei, n. 32, p. 193-201, jul.- dez. 2008.

NASCIMENTO, A. *O genocídio do negro brasileiro*. São Paulo: Perspectivas, 2016.

SARAIVA, C. L. C.; SILVA, M. D. B. Da transgressão e ethos forjado à câmara dos deputados: uma análise do discurso utilizado na campanha eleitoral de Tiririca 2010. *Revele*, n. 4, p.50-68, maio 2012.

SCHUCMAN, L. V. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”*: raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana. São Paulo: Tese Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Social – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012. p. 102.

SHIFMAN, L. *Memes in digital culture*. MIT Press, 2014.

SILVA, D. C. P. Emancipação das mulheres no discurso feminista online: dimensões textuais de uma luta hegemônica. *Linguagem & Ensino*, Pelotas, v. 22, n. 1, p. 239-262, jan./mar. 2019.

SILVEIRA, S. A. Cibercultura, commons e feudalismo informacional. *Revista Famecos*, Porto Alegre, n. 37, 2008.

TORRES, C. *A Bíblia do Marketing Digital*. 2ª ed. São Paulo: Novatec, 2018.